



HAL
open science

A CULTURA SUBJACENTE DE SUJEITOS EM SITUAÇÕES DE EXCLUSÃO SOCIAL E A FORMAÇÃO DOCENTE

Valdir Pretto

► **To cite this version:**

Valdir Pretto. A CULTURA SUBJACENTE DE SUJEITOS EM SITUAÇÕES DE EXCLUSÃO SOCIAL E A FORMAÇÃO DOCENTE. XVI SIEDUCA - SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO: "docência nos seus múltiplos espaços", Jul 2011, Cachoeira do Sul - RS, Brazil. http://www.sieduca.com.br/2011/index986e-2.html?principal=lista_trabalhos&eixo=4&modalidade=1. hal-01398200

HAL Id: hal-01398200

<https://hal.science/hal-01398200v1>

Submitted on 16 Nov 2016

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

A CULTURA SUBJACENTE DE SUJEITOS EM SITUAÇÕES DE EXCLUSÃO SOCIAL E A FORMAÇÃO DOCENTE

PRETTO, Valdir¹

RESUMO

O trabalho de investigação científica realizado em uma realidade considerada de risco e violência, em Caxias do Sul, no Sul do Brasil em co-tutela com a Universidade de Lyon², na cidade de Lyon - França, entre os objetivos de análise das atividades desenvolvidas, nesses distintos contextos, foi estudar como a cultura pode influenciar e contribuir na formação docente. A análise dessas situações, entre os sujeitos entrevistados, permitiu uma explicitação dos conceitos envolvidos e elementos ligados à cultura. Como resultado, podemos perceber que independentemente das atividades e realidades geográficas, ideológicas, políticas e sociais, a cultura traz para a formação docente sua grande contribuição no estudo entre as distintas comunidades humanas que se encontram em processo de desenvolvimento e na construção dos diferenciados conhecimentos.

Palavras-chave: Conhecimento; Cultura; Exclusão Social; Formação.

INTRODUÇÃO

Ao estudarmos a cultura, ou as culturas nesse processo histórico e integrador da humanidade, ficamos encantados pela sua diversidade e desafiados pela sua complexidade. Como ação do ser social, caracterizada pelo homem e pela mulher, no dizer de Bruner (1991, p. 36): “a cultura é uma sorte de caixa de ferramentas, onde o homem encontra as próteses das quais tem necessidade para ultrapassar e às vezes redefinir os limites naturais de seu funcionamento”.

Neste artigo são apresentados resultados parciais de um trabalho investigativo iniciado em 2006 entre o Brasil e a França. A construção de conhecimentos em situações de exclusão social e questões de gênero era nossa prioridade. No entanto, em momento algum ficamos isentos da realidade cultural que esses dois continentes nos submeteram. Como pesquisador e professor as oportunidades se fizeram reais do transitar entre o processo educacional

¹ Professor do Curso de Pedagogia e do Mestrado Profissionalizante em Ensino de Física e de Matemática do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), Santa Maria, RS, Brasil.
E-mail: pretto@unifra.br

estabelecido nas escolas e no ensino superior. Nesses locais de aprendizagem, a dimensão cultural nos possibilitou o contato com outra(s) cultura(s) e vivenciar o quanto a cultura determina nos afazeres, não somente domésticos das comunidades, mas também influenciando na formação docente.

O autor deste trabalho, docente do curso de Pedagogia e do Mestrado Profissionalizante em Ensino de Física e de Matemática, UNIFRA, entre as disciplinas que administra, é responsável pela Formação docente e desenvolvimento profissional, do sétimo semestre do curso de Pedagogia. Num projeto de pesquisa está desenvolvendo uma investigação, agora na periferia de Santa Maria, local considerado de risco e violência, analisando como acontece a construção do conhecimento em outras zonas de exclusão social buscando observar também os dados culturais que poderão ser coletados fornecendo elementos para melhor compreensão da realidade educacional nesses territórios, classificados mais sensíveis, podendo contribuir na formação do futuro profissional da educação.

METODOLOGIA

No período de doutoramento foram entrevistados 103 sujeitos na realidade brasileira a partir do questionário. A videografia também foi usada como instrumento mediador na coleta de dados registrando as atividades, movimento, linguagem, desenvolvidas por diferentes sujeitos nas suas particularidades, integrada à entrevista individual e coletiva associada à descrição etnográfica do contexto, revelando elementos fundamentais para um trabalho investigativo. Na realidade francesa não foi possível o registro em vídeo, porém fotos de alunos e professores em sala de aula e conversas anônimas com distintas pessoas, em zonas periféricas, nos foram permitido. Na realidade estrangeira o número de entrevistados ultrapassa a 50 sujeitos.

Os dados coletados, em sua totalidade, foram tratados através de diferentes métodos estatísticos adequados que permitiram explorar a complementaridade das abordagens tanto quantitativas quanto qualitativas, como a análise estatística implicativa, as análises de conteúdo de discurso e a análise das práticas a partir das audiovideografias, baseadas em ferramentas estatísticas e informáticas (GRAS;

RÉGNIER; GUILLET, 2009). No que se tratou, em particular, aos elementos culturais, o método se voltou mais para a observação de ações, atitudes, comportamentos, dizeres, questionamentos, etc.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Seja a nível pessoal ou coletivo, a cultura vai se construindo no cotidiano com elementos estáveis e duráveis, e com elementos dinâmicos e contingentes. Os elementos geográficos, históricos e éticos são, às vezes, determinantes em seu desenvolvimento.

Temos consciência que corremos o risco, a cada dia, de manifestações patológicas, de exaltação de si próprias e *exclusão da diversidade*, que se desenvolvem dentro de formas nacionalistas, racistas e xenofobias, pois como produto tipicamente humano, a cultura é condicionada historicamente e têm seus limites além fronteiras.

João Paulo II² em Hiroshima, no dia 25 de fevereiro de 1981, falava aos representantes da ciência e da cultura reunidos na Universidade das Nações Unidas que:

a construção de uma humanidade mais justa ou de uma comunidade internacional mais unida não é um simples sonho ou um ideal vazio, é um imperativo moral, um dever sagrado que o gênio intelectual e espiritual do homem pode afrontar graças a uma nova mobilização geral dos talentos e das forças de todos e o colocar em obra de todas as fontes técnicas e culturais do homem.³

O ser humano é marcado e influenciado por diferenciadas fontes donde brotam distintas culturas do mundo social do qual é parcela: começando pela família, escola, universidade e grupos humanos com os quais tem relações. Na definição de Bruner (2000, p. 6):

a cultura é um fenômeno simbólico, produzido pelo homem. Ela nos propõe categorias comuns partilhadas que nos permitem agrupar eventos, objetos, situações, crises. O que dá à cultura sua continuação entre as gerações são as obras que ela cria e que ela transmite de uma geração a outra: sua ciência, sua arte, suas leis, seus dispositivos institucionais, sua mitologia.

² Nome civil Karol Wojtyła, Papa da Igreja Católica entre os anos de 1978 a 2005.

³ *La documentation catholique* - número 1832, p. 605, 20 junho de 1982.

Acolher sua própria cultura como elemento estruturante da personalidade, entre mitos e verdades, em particular na fase inicial do crescimento, durante o processo formativo e educacional, é um dado da experiência universal, em que não se deve diminuir o valor de sua importância. A relação com suas próprias origens; familiar, territorial e social faz com que se desenvolva nas pessoas o valor do sentido patriótico e cultural. Esse valor consiste em um processo natural na ação integradora de componentes filosóficos, sociológicos, psicológicos, educacionais, que produzem efeitos naturalmente positivos e construtivos.

Quando falamos de educação ou de conhecimento (s) alternativo (s), ou mesmo de quem detém ou representa certo(s) poder(es), deve-se ter como preocupação, face ao outro, ensinar o respeito cultural, ir além da experiência pessoal ou imediata, mostrando as diferenças, descobrindo as riquezas da história e os valores fundamentais na formação humana.

A missão de transmitir o(s) conhecimento (s) de outras culturas, num senso crítico e sobre bases éticas, para uma tomada de consciência de valores e limites da própria sociedade cultural, deve ser passada não somente por uma educação institucionalizada, escolar ou acadêmica, mas pelas diferentes formas como o conhecimento é construído em distintos ambientes.

Veiga-Neto (2003, p. 5), lembrando Hall (1997), diz:

assiste-se hoje a uma verdadeira virada cultural, que pode ser resumida como o entendimento de que a cultura é central não porque ocupe um centro, uma posição única e privilegiada, mas porque perpassa tudo o que acontece nas nossas vidas e todas as representações que fazemos desses acontecimentos.

As condições da mulher e do homem periférico, no ponto de vista social e cultural, se transformaram profundamente na história humana, pela cultura local constantemente criada e recriada. Essas realidades estabelecem uma organização de meios que permitem a comunicação entre os que vivem essas diferenciadas realidades, harmonizando as diferentes identidades para melhor viverem na diversidade. Esses fatos se concretizam, em nosso campo de atuação empírica, como a existência de conflitos, por vezes, inevitáveis. Podemos relatar a experiência, entre outras vivenciadas, de entrar em uma sala de aula, na cidade de

Lyon - França, e deparar-se com uma turma de 28 alunos, classe inicial, sendo a maior parte dessa turma procedente de culturas bem distintas.

A cultura, olhada como espaço de construção, diferentes grupos procuram, através de suas produções, uma maior integração. Atualmente se vive com força maior outras formas culturais, essas provenientes da cultura popular ou periférica, expressadas em movimentos, grupos, músicas e organizações que lutam por seus espaços em meio à sociedade a que pertencem. Mas fica claro que essa cultura popular, como o conhecimento, está em constante metamorfose nesse lugar social no qual é produzida. Descrevemos um fato registrado, na periferia de Caxias do Sul, de um sujeito entrevistado dizendo que um grupo de jovens adultos, nesse território, se formou para poder através da música e da dança salvar adolescentes da droga e da violência constatadas nesse local.

O grande desafio para os agentes da educação, sendo a *educação mediação fundamental entre as diferentes culturas*, é conjugar os diferentes valores éticos e morais na soma de outros elementos que transitam em meio a essa constelação multicultural, tornando o sujeito um ser de relações sociouniversal.

Peresson (2006, p. 74), escrevendo sobre *pedagogias e culturas*, diz:

a multiplicidades de culturas, e seu caráter histórico, pelo qual, permanentemente, se vão construindo e recriando, no espaço e no tempo, foi-se forjando e explicitando uma série de conceitos para explicar as formas de reprodução endógena e de transmissão das culturas em seu próprio meio, para expressar as diversas maneiras de relação, de encontro, interação e influência entre as culturas e para delinear o tipo de relação entre educação e culturas que existiu no passado e pode e deve existir no futuro.

A enculturação, aculturação, transculturação e interculturalidade são características consensuais apresentadas por Peresson, que definem a *multiculturalidade*.

O encontro entre a multiplicidade cultural nos abre um mundo de reflexão. As diferentes formas de ser e de viver, as características específicas que são identificadas como sendo lá do interior, a sedução das luzes das grandes cidades, e a descoberta de um mundo humano formado por relações complexas, com seus dias claros e com suas zonas sombrias.

Essas transformações constantes e rápidas sofridas pela cultura às quais as pessoas são submetidas colocam em jogo a própria questão da sua identidade social. Essa passagem pode até provocar alguns distúrbios, um período de desequilíbrio importante, em que o sujeito pode ficar desorientado, não geograficamente, mas psicologicamente. A euforia dos primeiros tempos acaba em crises, pequenas rupturas e em choque cultural. Ele tem a impressão de que tudo está perdido: as referências, a dignidade, a identidade e a própria língua materna.

Em relação à questão da língua, Stuart Hall (2005, p. 40) argumenta que: “a língua é um sistema social e não um sistema individual. Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais”.

Nós podemos observar que as dificuldades, os conflitos nas relações entre pessoas de culturas e civilizações diferentes estão presentes, cada vez mais, em várias nações. Uma análise atenta e rigorosa faz aparecer, além de manifestações exteriores, seguidamente a existência de elementos comuns significativos, como foi constatado em nosso distinto campo empírico.

Na passagem para outra cultura, seja local, regional ou internacional, a partir do momento em que existe o contato com outros grupos humanos, podemos correr o risco de carregar certos julgamentos. A imposição para sobreviver é inevitável quando somos tratados como selvagens do terceiro mundo.

A partir de uma prática ou experiência vivida de interculturalidade e teorias, as quais trazem noções e terminologias a propósito da cultura constatamos que esses fenômenos se multiplicam. A vigilância e atenção são necessárias face a uma cultura regional que carrega elementos típicos, como no sul do Brasil, onde o *gaúcho*, em relações a outros Estados, é um exemplo bem concreto.

RESULTADOS

A França, nosso terreno de interculturalidade, nos ajudou a não reduzir as culturas a certos aspectos visíveis, atraentes, lançados pelos meios de comunicação, como a dança, o canto, o carnaval do Rio de Janeiro, o futebol, as belas praias. Tudo isso podemos sentir quando estamos em países e culturas estrangeiras.

A propósito: após um seminário na Universidade de Lyon², entre o grupo de estudantes, alguém nos perguntou se éramos realmente brasileiros. Sendo a resposta positiva, também questionamos o porquê da questão. “Vocês têm a pele branca e, na minha cabeça, os brasileiros são todos morenos”, disse o colega que tinha dúvidas a respeito da nossa pertença cultural. O folclore não explica tudo!

Aqui podemos perceber o quanto é fundamental, na formação docente, o estudo cultural, o conhecimento etnográfico da realidade a qual o professor vai se engajar, para melhor administrar certos conflitos em sala de aula ou dificuldades de aprendizagem que acontecem ou poderão acontecer no processo do desenvolvimento educacional.

Além de poder gestar certos conflitos ou eventuais situações de confronto relacional num espaço educacional, como a escola, o docente poderá resgatar elementos culturais que cada sujeito(s) carrega, trabalhando na construção de diferenciados conhecimentos revelados nas diferentes culturas que se movimentam dentro de uma sala de aula.

Outro resultado que se obteve na pesquisa realizada é a tomada de consciência que na realidade centro e periferia, seja essa na realidade brasileira ou francesa, em ambas vão sendo construídos novos elementos culturais que por vezes não são estudados ou aprofundados dentro de uma instituição formal. Uma nova linguagem musical, formas de descrever o mundo, a luta pela própria sobrevivência vai fazendo com que nesses espaços se mobilizem outras maneiras de traduzir o mundo.

CONCLUSÕES

Este trabalho primeiramente nos conduziu a inserção cultural em distintas realidades geográficas e políticas, nas quais percebemos que em diferentes situações onde se encontra o gênero humano, a cultura tem seu lugar bem definido. A extensão dessa temática prosseguiu estando entre homens e mulheres além fronteiras, onde a pesquisa, dentro do processo universitário, trabalho desenvolvido em *co-tutela*, nos possibilitou viver a influência cultural no processo socioeducacional que vem a contribuir na formação docente. Assim, podemos também dizer que o estudo cultural faz o docente pensar seu agir em sala de aula, por ela (cultura) trazer elementos que fazem parte da formação do aluno antes dele chegar numa instituição educacional. Esse conhecimento, a priori, viabiliza uma melhor relação de diálogo e compreensão entre aluno e professor.

REFERÊNCIAS

BRUNER, J. Car la culture donne forme à l'esprit. Paris: Eshel, 1991.

BRUNER, J. Culture et modes de pensée. Paris: Retz, 2000.

HALL, S. A identidade de cultura na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. RJ: DP&A, 2005.

PERESSON, M. L. Pedagogias e culturas. In: SCARLATELLI, C. C. S.; STRECK, D. R.; FOLLMANN, J. I. Religião, cultura e educação. São Leopoldo: Ed. Unisinos, p.57-107. 2006.

VEIGA-NETO, A. Cultura, culturas e educação. Rev. Bras. Educ., n.23, pp. 5-15. ISSN 1413-2478. doi:10.1590/S1413-24782003000200002, 2003.